

Ciência

155

saúde

Laser salva coração de brasileira

■ Carioca de 60 anos usou técnica revolucionária que faz microfuros no coração, estimulando crescimento de novos vasos sanguíneos

Fotos de Adriana Caldas

MARCEU VIEIRA

O domingo, 26 de abril, estará inscrito na literatura médica brasileira como o dia em que, pela primeira vez, realizou-se no país uma intervenção no coração com laser antes experimentado em apenas 60 pacientes nos Estados Unidos. A técnica, chamada revascularização transmiocárdica percutânea, foi apresentada ontem no 13º Congresso Mundial de Cardiologia, no Rio-centro, pelo brasileiro Emerson Perin, médico do Texas Heart Institute, em Huston.

Perin já estava no Rio para o Congresso e, depois de uma semana de palestras no Hospital Pró-Cardíaco aceitou o convite para comandar a operação a laser em Maria Gonçalves Pinto, de 60 anos.

A intervenção, feita no Pró-Cardíaco, foi um sucesso. Maria já havia feito três pontes de safena, estava com um novo entupimento nas coronárias e saiu andando do hospital na manhã seguinte. Pela nova técnica, leva-se um catéter da artéria femoral, na virilha, até o coração do paciente. Lá, um feixe de raios laser faz séguidas perfurações no músculo cardíaco, banhando-o de sangue.

"Ainda não sabemos ao certo por que, mas a reação das células aos pequenos furos, de um milímetro cada, é a de criar novos vasos microscópicos, que possibilitam a irrigação do coração", disse o gaúcho Perin, que trabalha há 13 anos nos EUA.

Segundo Perin, o método é indi-

cado para pacientes que já se submeteram a angioplastia ou a implante de ponte de safena – em muitos casos mais de uma vez – e, com novos entupimentos. Nesse momento, o organismo já não responde mais às técnicas convencionais. "Nos EUA, já tirei um paciente da fila de espera de transplante para tentar o método. E deu certo", contou o cardiologista. "Em média, fazemos 15 furinhos no coração de um paciente. Dona Maria, que já tinha três pontes e padecia de angina, sentindo dores no peito a qualquer esforço, precisou de 31".

Inflamação – Perin afirmou que os pesquisadores do Texas Heart ainda não descobriram o que faz o coração reagir satisfatoriamente aos furinhos. "Nossas pesquisas apontam, por enquanto, para a criação de um processo inflamatório do músculo cardíaco, que se defende criando os novos pequenos vasos", afirmou.

Sorridente ao lado do médico que a operou, Dona Maria disse que, desde domingo, não sente as velhas dores no peito. "O Isordil está encostado", contou, referindo-se aos comprimidos vaso-dilatadores usados por pacientes de angina. "Era uma dor violenta mesmo. Nunca morri, mas acho que aquela é a dor da morte", brincou.

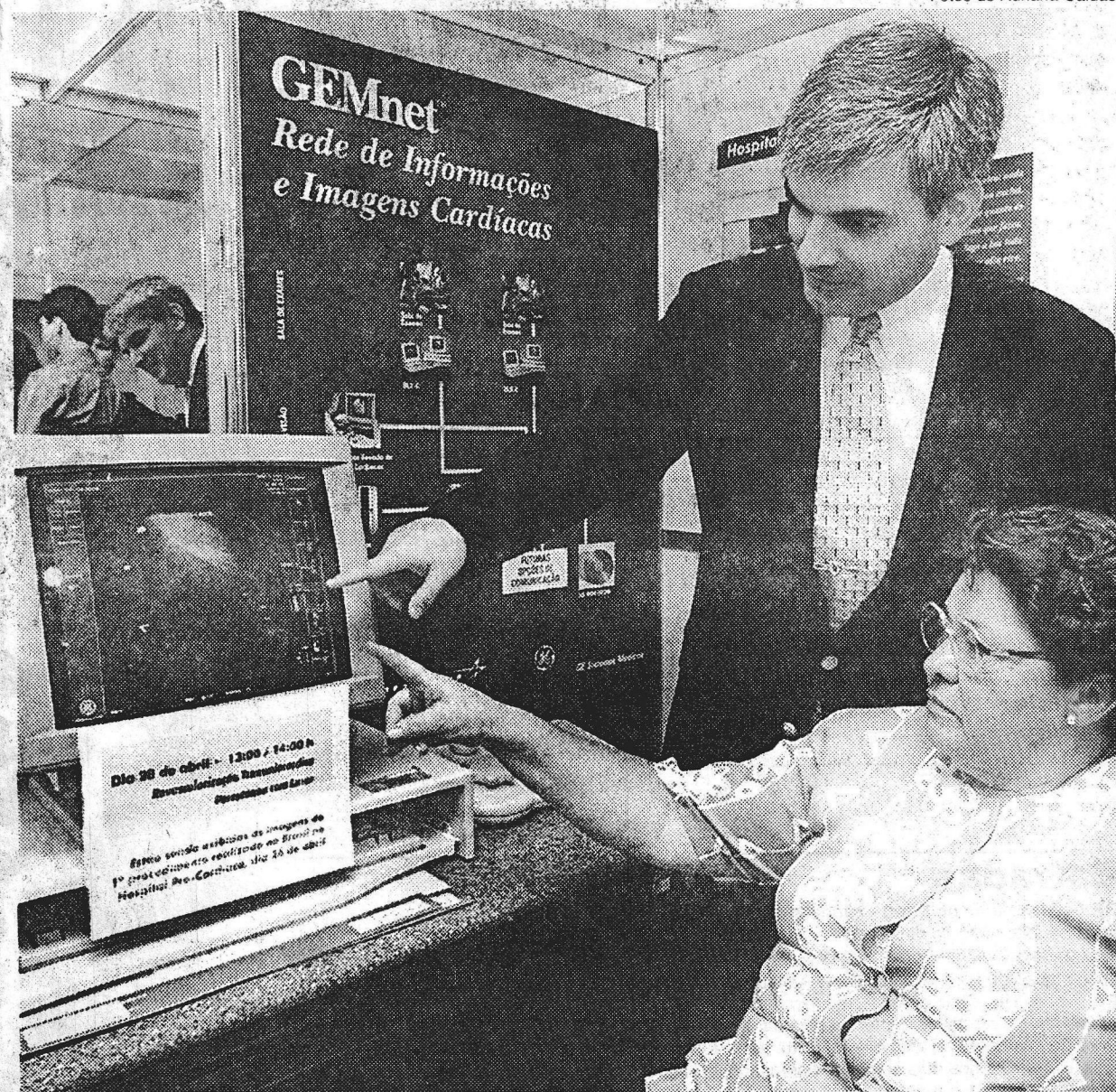
Dona Maria foi indicada para a operação pelo próprio médico, da equipe do Pró-Cardíaco. "Quando soubemos da nova técnica e, graças ao nosso convênio com o Texas Heart, aprendemos a usá-la, pergun-

tamos a todos os médicos de nossa equipe quem, entre eles, tinha um paciente com indicação para a operação por laser. A premiada foi Dona Maria", lembrou o cardiologista Hans Fernando Dohman, coordenador da equipe de Homodinâmica do Pró-Cardíaco.

O método continuará sendo usado pela equipe do Pró-Cardíaco. "Trata-se de uma técnica que começou a ser usada há apenas três anos nos Estados Unidos. E, ainda assim, com peito aberto. Só de um ano para cá, iniciou-se o método pelo catéter", disse Perin.

Todos os pacientes sobreviveram depois das operações feitas com a nova técnica no Texas Heart Institute. Mas Perin lembrou que ainda não é possível precisar o prazo de validade da técnica. "Uma ponte de safena dura, em média, sete anos. Depois desse período, o paciente normalmente precisa de uma outra", explicou.

Há uma outra vantagem para o paciente: o método a laser é bem mais barato que a cirurgia convencional. O Pró-Cardíaco, por exemplo, cobra R\$ 4 mil pela nova técnica, enquanto uma operação comum, de implante de ponte de safena, não sai por menos que R\$ 20 mil. Além disso, a intervenção é rápida – durou uma hora com Dona Maria. "Nos Estados Unidos, mandamos o paciente para casa no mesmo dia", disse Perin. A anestesia é local, na virilha, para a indução do catéter.



Maria Gonçalves Pinto, que foi operada pelo cardiologista Emerson Perin, recebeu alta no dia seguinte